



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta



GENTE QUE FAZ O PROJETO

Guardiãs e Guardiões de Sementes

PÁGINA 6



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

As carvoarias e os carvoeiros do Maciço da Pedra Branca no Rio de Janeiro

PÁGINA 11



DIÁRIOS DE CAMPO

Comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados: Agroecologia e Conservação Ambiental

PÁGINA 17

Comissão Pedagógica inicia atividade do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias

PÁGINA 30

Atividades de visitas e intercâmbios fortalecem as redes e parcerias institucionais junto às comunidades

PÁGINA 37



Um olhar agroecológico para a Ciência e Tecnologia

A trajetória de desenvolvimento dos sistemas alimentares mundiais estrutura-se diante de múltiplos desafios. Tais desafios combinam elementos das narrativas que os categorizam, ora como produto do setor econômico, ora em sua dimensão de integração entre natureza e sociedade, uma atividade que é multifuncional e necessária à reprodução da vida.

Reconhecer a inter-relação entre as diversas funções que a agricultura desempenha e os componentes socioculturais a ela relacionados é ponto de partida para (re)pensar as estratégias, até então utilizadas, na realização de pesquisas, de ações de extensão e de comunicação.

Desde a chamada Revolução Verde, a degradação ambiental consequente do processo de industrialização e da





expansão monocultural da agricultura foi relegada ao discurso proeminente do combate à fome e do desenvolvimento econômico do país. Neste contexto, a produção de ciência e tecnologia centrou-se em incidir nas formas como os sujeitos trabalham para a produção de bens e serviços aos quais, desde sempre, criaram intervindo em processos de trabalho “mais qualificados” oferecendo maior resultado material.

O desenvolvimento tecnocientífico à serviço desta modernização torna-se preponderante e passa a estabelecer dinâmicas sociotécnicas homogeneizadas pelos interesses privados. Tal homogeneização relaciona florestas e natureza com matéria-prima industrial e inviabiliza outros usos sociais e culturais dos agroecossistemas e da biodiversidade. Com isso, relega à condição de menos importante o saber-fazer empírico das comunidades tradicionais dos campos, dos rios e das florestas.

Negando tal aspecto, a tecnociência agroecológica considera como importante na sua práxis o alinhamento de expectativas e bem estar entre os distintos atores envolvidos e o reconhecimento de que a produção de conhecimentos, bens, serviços e produtos utilizáveis devem ser pensados a partir do

interesses do povo, das comunidades. O compromisso da agroecologia é com o desenvolvimento de sociedades sustentáveis e solidárias.

Assim, numa dimensão tecnocientífica agroecológi-





ca, construir uma direcionalidade para os sistemas alimentares passa pela construção conjunta e pela co-criação de uma visão de futuro coletiva. Uma visão que seja orientada para a sustentabilidade destes sistemas e que valorize a experimentação e a construção de novos caminhos possíveis e já existentes nas diversas experiências populares da agroecologia.

Para a ampliação dessa construção, faz-se necessário criar ou adaptar tecnologias, produtos, processos e serviços criados a partir da experiência do trabalho dos usuários destas novidades para, com isso, superar determinadas condições limitantes da realidade. Diante desse ponto de vista, é fundamental compreender as redes sociotécnicas dos territórios e reconhecer os elementos humanos e não humanos que dinamizam o lugar.



Sob o olhar agroecológico, a análise dos agroecossistemas passa não apenas pelo reconhecimento das relações sociais entre os sujeitos, mas também pela sua relação com o ambiente, com a agrobiodiversidade, com os recursos materiais. Recursos cujo os usos são atribuídos a significados, objetivos e interesses que mediam a conversão desses usos, seus recursos, em ativos.

No âmbito do projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta somam-se esforços para evidenciar a contribuição das práticas socioprodutivas agroecológicas das comu-



nidades em interrelação com uma área protegida, o Parque Estadual da Pedra Branca, e ainda a contribuição destas no enfrentamento às mudanças climáticas, a partir de um saber-fazer de uma agricultura resiliente ao clima.

Em nosso projeto, as tecnologias difundidas, geradas ou adaptadas são fruto da construção do conhecimento compartilhado entre todos os atores envolvidos e tem o objetivo de serem úteis e aplicáveis às necessidades sociais.

Os bancos de sementes, as plantações de banana ou de caqui, bem como os quintais produtivos das diversas hortas urbanas não se resumem em práticas produtivas em si, senão em importantes elementos constitutivos de redes que configuram a identidade desse lugar chamado Sertão Carioca.

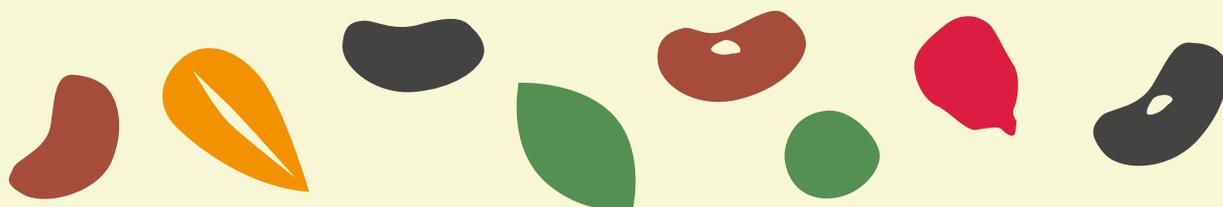
Nesta edição, conheça um pouco mais das atividades e das pessoas que estão junto conosco para desenvolver e implementar esses objetivos e ações. Boa leitura!

*Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio,
membro do portfólio de Inovação Social e
Pesquisadora da Embrapa em Sociologia e
Desenvolvimento Rural. Compõe a
equipe técnica do Projeto*



Guardiãs e guardiões de Semente

Nesta edição, você conhece agricultores e agricultoras urbanas que fazem parte das iniciativas realizadas pela Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados do projeto. Eles são responsáveis por conservar a biodiversidade de variadas espécies através das práticas da Agroecologia.



Russo e Andréa

Andréa e José Antônio, também conhecido como Russo, são um casal de agricultores do Pau da Fome, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Juntos eles fundaram a “Santa Terra Orgânicos”, um empreendimento que existe há mais de 7 anos cultivando agricultura natural na produção de alimentos orgânicos em seu sítio.

Além disso, Russo e o filho Wiver participam semanalmente da Feira Agroecológica da Freguesia, colaborando com a diversidade e o compromisso ao acesso a alimentos livres de agrotóxicos. Suas práticas são baseadas nos ensinamentos do Seu Arlindo Pereira, pai do Russo. Seu Arlindo foi quem ensinou seu filho a praticar a agricultura natural, livre de venenos na produção dos seus alimentos orgânicos,

respeitando a fauna e a flora, a mata ciliar e o meio ambiente. “Pra nós, manter esses ensinamentos é motivo de orgulho.” destacou.

Dentre as sementes que guardam, estão as sementes de milho crioulo. Este ano produziram cerca de 270 quilos da semente cateto, catetinho e 1051.



Andréa e Russo

Dona Maria do Céu

Dona Maria do Céu é uma agricultora urbana e guardiã de sementes do Rio de Janeiro. Junto com sua família, ela fundou o Da Horta da Vovó, onde através de seus muitos conhecimentos, cultiva e comercializa alimentos orgânicos, plantas medicinais e ornamentais.

Dentre as sementes que guarda, estão as seguintes: Feijão, milho, mostarda, couve e nabiças. Ela também beneficia alimentos como conservas de pimenta e picles, extrato de tomate orgânico, compotas de goiaba e outras frutas. Todos os domingos, você pode encontrar a Dona Maria do Céu em sua barraca na Feira da Roça, Agroecologia e Cultura, que fica no Largo de Vargem Grande.



Dona Maria do Céu





Bernardete Montesano Veríssimo da Costa

Berna, como é conhecida, faz parte da Rede

Berna

Carioca de Agricultura Urbana e da Articulação de Agroecologia do RJ- Região Metropolitana (AARJ). Ela é agricultora urbana no Rio da Prata em Campo Grande.

“No meu quintal atual tenho frutas (pitanga, acerola, amora, laranja e acho que um pé de limão ou tangerina, coqueiro e jabuticaba), uma aroeira frondosa... plantas medicinais (hortelã, erva de São João e erva doce, picão e erva cidreira, capim limão), temperos (manjeriço, orégano e cebolinha) e bertalha.

Um ipê amarelo. São as “Alegrias de Quintal”.

Dona Dalila

Dona Dalila é uma agricultora urbana e guardiã de sementes que mora na região do Rio da Prata de Campo Grande. Em seu quintal, Dona Dalila realiza mutirões, plantios e troca conhecimentos com muita gente que vai visitá-la.

Ela comentou sobre a importância da mobilização comunitária para a criação de bancos de sementes na Associação de Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (Agroprata): “Tenho o costume de cultivar e doar sementes de feijão mangalô e abóbora, mas para depositar as sementes precisam estar bem sequinhas, em um recipiente em conserva e etiquetadas”.

Em sua horta ele produz muitas coisas como: salsa, couve, bertalha, manjeriço, almeirão, tomate, quiabo, peixinho, orégano, erva-doce, maracujá, chuchu, espinafre, malva verdadeira, babosa, menta, alfavaca, mangalô, além de uma enorme diversidade de mudas de plantas medicinais.

Além disso, participa da Feira Orgânica do Rio da Prata, que acontece todos os domingos na Estrada da Batalha, 202, em Campo Grande.



Dona Dalila



As carvoarias e os carvoeiros do Maciço da Pedra Branca no Rio de Janeiro

Por Rogério Ribeiro de Oliveira

Professor da PUC-Rio e pesquisador de História Ambiental

Não era nada fácil o trabalho daqueles homens. Os carvoeiros de meados do século XIX tinham que trabalhar noite e dia nas matas do Maciço da Pedra Branca, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Eram, em parte, ex-escravos que tinham conseguido a sua alforria, seja porque as compraram, seja porque foram libertos pela Igreja, bem antes da Lei Áurea.



Esquema de um platô com um balão de carvão
(croqui: Isabel Machline)

Sem a subsistência, estes ex-escravos se viram, de uma hora para outra, tendo que sustentar a si mesmos e suas famílias. Sem acesso à terra ou aos meios de produção, um caminho “fácil” foi se tornar carvoeiro. A partir do século XVIII, a Zona Oeste do município do Rio de Janeiro era conhecida como a Planície dos Onze Engenhos. A atividade de produção de açúcar ocupava a maior parte da mão de obra. Possivelmente, a proximidade deste maciço com a cidade do Rio de Janeiro foi responsável por transformar a floresta em um polo de fabricação de carvão. Lenhadores e carvoeiros penetravam por toda a parte nas serranias do Rio de Janeiro, onde não se tinham estabelecido os sitiantes.

Com a abolição da escravatura, os ex-escravos, quilombolas e pequenos agricultores viram no fabrico do carvão uma atividade possível. Para isso, tudo o que precisavam era de uma enxada, um machado e uma pederneira (tipo de isqueiro). Com esses três objetos era possí-



Um antigo platô de carvoaria no Maciço da Pedra Branca (foto Rogério Oliveira).



O solo onde existiu uma carvoaria é caracteristicamente negro e com fragmentos de carvão (foto Rogério Oliveira).

vel fabricar o carvão. Mas como isso era feito? A primeira coisa era estar próximo a uma fonte de lenha. O Maciço da Pedra Branca, com uma vasta floresta, localiza-se justamente na vizinhança da planície dos onze engenhos. O suprimento de lenha estava garantido. Mas para se fabricar o carvão era necessário ter uma área plana onde a carvoaria pudesse ser instalada, já que a produção do carvão era feita na própria floresta.

O balão de carvão era um cone de lenha empilhada com cerca de 3,5 metros de altura e revestido de barro. Assim, a queima da lenha era abafada e esta se transformava em carvão, em um processo que durava quase três dias. Mas a queima da lenha era um processo que exigia atenção dia e noite, pois o carvoeiro devia controlar a ventilação vedando ou abrindo as espias (respiros), para que não acelerasse a combustão e, não perdesse, assim, toda a produção. Como a exploração era praticamente em todas as encostas do Maciço da Pedra Branca, era preciso

que os carvoeiros morassem por perto. É muito comum encontrar ruínas de antigos casebres próximos às carvoarias, hoje todos recobertos pela floresta secundária.

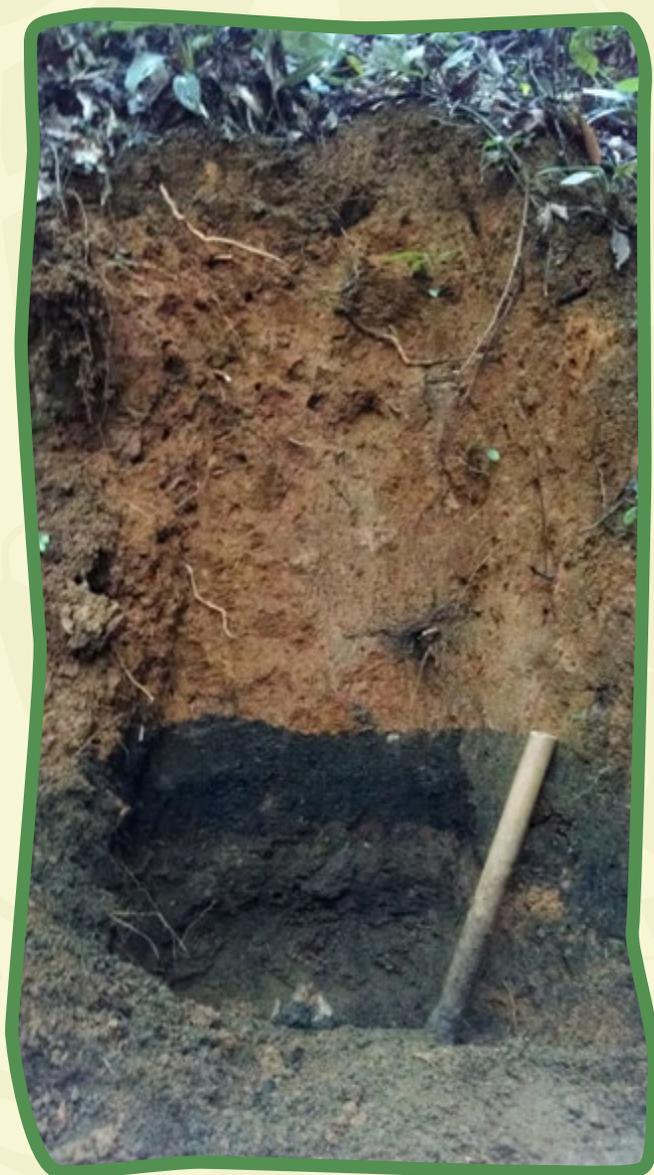
Uma pesquisa feita pela PUC-Rio no Maciço da Pedra Branca encontrou até o momento a existência de 140 ruínas de moradias e 1.199 platôs de antigas carvoarias. No entanto, apesar do grande abate de árvores realizado pelos carvoeiros e lenhadores, a floresta voltou graças à eficiente sucessão ecológica que ocorreu após o desmatamento. Hoje, essas carvoarias e ruínas estão irreconhecíveis, completamente tomadas pela vegetação. A paisagem recompôs-se quase que inteiramente, apesar do uso intenso do passado.

Deve existir sob a floresta uma quantidade muito maior de antigas carvoarias do que as que foram encontradas até hoje. A pergunta natural é: para que tanto carvão? Este era, junto com a lenha, a matriz energética da cidade do Rio de Janeiro de meados do século XIX até o início do século XX. Além do consumo doméstico (como cozinhar e passar roupas), o carvão alimentava também as caldeiras a vapor das indústrias que começavam a aparecer, e também as locomotivas da estrada de ferro. Na cidade, carruagens e bondes eram puxados por cavalos e burros. Não se pode pensar que esses animais pudessem desempenhar este trabalho nas ruas calçadas de pedras sem ferraduras. Estas eram feitas nas ferrarias de fundo de quintal, cujas forjas funcionavam a carvão. Mas havia também outro uso pouco conhecido, mas que devia consumir muito carvão: a construção civil.

Até hoje o centro histórico da cidade, assim como numerosos bairros, têm suas calçadas de pedra, além dos pórticos e fachadas dos sobrados antigos.

Mas há um desfecho nessa história ligado à sustentabilidade. Como vimos, apesar do desmatamento, a sustentabilidade ecológica do período de fabricação do carvão foi um fato concreto.

Mas, e a sustentabilidade social dessa atividade? São pouquíssimas as informações disponíveis sobre estes atores sociais, que forneciam energia à cidade do Rio de Janeiro. Os carvoeiros em muito pouco se beneficiaram do seu trabalho, enquanto que muitos lucraram com ele. São até hoje invisíveis do ponto de vista social. Dessa história, o único documento que eles nos deixaram foram marcas na paisagem, hoje transformada em um belo parque.



Carvoarias mais antigas podem estar soterradas por sedimentos (foto Rogério Oliveira).

Dica de Leitura!

Paisagens do sertão carioca: floresta e cidade

Organização Annelise Fernandez
e Rogério Oliveira

Editora PUC, 2020



Acesse a página da editora da PUC e baixe o e-book, disponível gratuitamente.

www.editora.puc-rio.com.br

O livro Paisagens do sertão carioca: floresta e cidade aborda como o Maciço da Pedra Branca, apesar de ser a principal área de expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, apresenta traços de um conflito rural-urbano. Os capítulos relatam conflitos territoriais, discutem direitos socioambientais através de diversos campos de estudo, como a ecologia histórica, a história ambiental, memória social e a antropologia. As contribuições dos autores permitem um melhor entendimento dos processos e relações socioecológicos que vêm ocorrendo na região.

Ao reunir os 13 artigos em uma obra coletiva, os organizadores, Rogério Oliveira e Annelise Fernandez, propõem uma visita ao maciço da Pedra Branca, buscando desvelar as transformações da paisagem, resgatar memórias, apresentar conceitos importantes e dar visibilidade a experiência de numerosos grupos sociais que vivem e resistem na região.

Sobre os organizadores:

Annelise Caetano Fraga Fernandez é professora-adjunta do Departamento de Ciências Administrativas e Ambientais da UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ. Mestre em Antropologia e Sociologia e doutora em Sociologia pela UFRJ.

Rogério Ribeiro de Oliveira é mestre e doutor em Geografia na UFRJ e pós-doutorado na Universidade Alpen-Adria, Áustria. Atualmente, é professor associado do Departamento de Geografia da PUC-Rio e membro do corpo docente dos Programas de Pós Graduação em Geografia e de Engenharia Urbana e Ambiental, da PUC-Rio.

Fonte: Texto de divulgação disponível no site da Editora PUC.



Comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados: Agroecologia e Produção de Alimentos



Na comissão, procuramos realizar ações coletivas e a médio prazo, essencialmente valorizando os saberes dos nossos parceiros, das lideranças comunitárias dos quilombos e das comunidades de base agroecológica. Muitas dessas comunidades compõem os chamados Arranjos Locais - articulações territoriais em rede que visam, a partir do enfoque na agricultura urbana, promover o fortalecimento da produção agroecológica, gerar autonomia às comunidades e facilitar o acesso à alimentação saudável. Destes Arranjos, seis são animados pela AS-PTA por meio do projeto Redes Locais De Produção E Abastecimento Alimentar: Fortalecendo Laços De Produção, Comercialização E Consumo De Alimentos Saudáveis e que conta com o apoio da Misereor. Nesse sentido, o Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA constrói diálogo entre os projetos em curso, como o Projeto Sertão Carioca, identificando temáticas convergentes e possibilidades de apoio complementar.

Já chegamos na primavera, tempo de flores! Na nossa região da baixada litorânea do município do Rio de Janeiro, é tempo de plantar aquilo que vai cobrir o solo durante o verão. Os cultivos anuais de hortaliças vão perdendo força à medida que a

primavera avança para o verão e vão sendo substituídos por batata doce, quiabo, maxixe, berinjela, milho, feijão, adubos verdes, aipim e inhame, além de potencializar o cultivo das plantas medicinais e seu beneficiamento.

Com isso, incentivamos a rotação de culturas e a geração de renda no verão especialmente de quem produz as folhosas de outono e inverno. É uma boa época para plantar também árvores frutíferas e adubadeiras! Buscando fortalecer a autonomia produtiva dos agricultores urbanos dos territórios da zona oeste do Rio de Janeiro, realizamos um conjunto de atividades neste último bimestre:

- Oficinas de mecanização agrícola para uso nos quintais produtivos;
- Oficina de manejo de canteiros e produção de adubos orgânicos;
- Oficina de Montagem de Iscas de Abelhas Nativas;
- Oficina de Manejo Ecológico do Solo;
- Visitação às hortas urbanas;
- Iniciamos a formação para uso e conservação de sementes com o Encontro de Guardiães e Guardiões Sementes; e
- Iniciamos a formação continuada para uso de plantas medicinais.

Também temos apoiado a logística e a rastreabilidade no abastecimento de alimentos livres de agrotóxicos nas feiras e cestas de produtos agroecológicos. Confere!

Formação para manejo de canteiros com uso de insumos orgânicos na Horta Professora Aline Scribelk de Carvalho Maciel

O encontro de agosto do Arranjo Local de Pedra de Guaratiba foi na Escola Municipal Emma D'ávila de Camillis, onde fica a Horta Professora Aline Scribelk de Carvalho Maciel. Cercada pelo Parque Natural Municipal da Serra da Capoeira Grande, uma área protegida de extrema importância para a região, a escola é referência no desenvolvimento de atividades ambientais e educativas em Pedra de Guaratiba.

Carlos de Oliveira, diretor adjunto da escola, fez um breve relato sobre o histórico da horta que existe há mais de 18 anos. E hoje a horta continua viva e crescente, sendo cuidada por muitas mãos.

Tudo que é produzido na horta é utilizado nas refeições oferecidas na merenda escolar, enquanto o excedente é distribuído para a comunidade do entorno. Durante o período de pandemia, em que há um aumento de famílias em situação de vulnerabilidade social, os alimentos colhidos e distribuídos têm sido de grande contribuição para quem recebe.

Facilitada por Letícia Ribeiro, assessora técnica agrícola da AS-PTA e Paulo Monteiro, educador ambiental pela Fundação Angélica Goulart, foi realizada na horta a oficina de manejo de solo e aplicação de insumos agrícolas. Em canteiros vazios foi apresentado de maneira prática, técnicas de aplicação e uso da torta de mamona e calcário.

Letícia ressaltou sobre a importância dessa atuação em rede para o território: “O Arranjo Local de Guaratiba recebeu insumos e ferramentas para potencializar seus espaços produtivos: pás, enxadas, cavadeiras, facões, torta de mamona e calcário agrícola para a melhorar o manejo ecológico e fertilidade



Grupo que participou da atividade no Arranjo Local de Guaratiba.

do solo. Vimos a necessidade dessa formação para o melhor aproveitamento desse material para o Arranjo como um todo”

Todo o procedimento foi realizado respeitando a realidade local: quantidade de aplicação de cada produto, ordem de aplicação, melhor período e tempo de preparo do solo. O conteúdo conversado na oficina está sendo transformado em uma cartilha para uso dos participantes, pelo Rudson Amorim, estagiário de comunicação.

Vale ressaltar que, com o sucesso da atividade, a mesma oficina foi replicada no dia 18 de setembro, na Horta Comunitária da Capela Santo Antônio, no Arranjo Local de Campo Grande.

Encontro de Guardiãs e Guardiões Sementes

Nosso primeiro encontro ocorreu de forma virtual no dia 8 de setembro. Falamos sobre a importância da criação e do fortalecimento dos bancos de sementes crioulas para a diversificação genética das espécies cultivadas e identificamos a necessidade de aprender mais sobre o manejo e a estocagem das sementes.

Também analisamos criticamente a grande indústria de insumos, uma vez que sua lógica demanda o uso combinado de pacotes de adubos químicos e agrotóxicos para a produção e comercialização.

Por outro lado, destacamos que a agroecologia garante a diversidade de espécies cultivadas por meio da produção local e manutenção da diversidade.

Sarah Rúbia, culinária de Vargem Grande, apoiadora da agricultura local e vice-presidente da Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (AMAVAG), comenta sobre a importância da formação em sementes: "Precisamos saber cultivar novas sementes. Aqui nas Vargens precisamos diversificar o cultivo. Queremos plantar além do cultivo de caqui e banana que temos bastante".

A articulação entre as técnicas de cultivo e manejo das sementes com a troca de saberes populares das nossas ações é uma premissa importante e que orienta todo o desenvolvimento do nosso trabalho. A assessoria técnica da Comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados do Projeto Sertão Carioca se junta às lideranças locais e às instituições parceiras de promoção da Agricultura Urbana e Familiar com o objetivo de compartilhar as técnicas relacionadas ao uso de sementes nos territórios de cultivo.

*“ Precisamos saber cultivar novas sementes. Aqui nas Vargens precisamos diversificar o cultivo. Queremos plantar além do cultivo de caqui e banana que temos bastante”
– Sarah Rúbia*

Renata Souto, assessora agrícola do Projeto Sertão Carioca, comenta que é preciso ampliar os conhecimentos sobre as técnicas de conservação das sementes. Muitas sementes não são cultivadas porque não há o conhecimento de técnicas simples de produção e estocagem, a dormência e outros aspectos de fácil ajuste e que garantem excelente qualidade das sementes.

A distribuição de itens para o estoque das sementes tem sido organizada pelas ações do projeto e busca contribuir com as demandas de plantio das agricultoras e agricultores.

Oficinas de Mecanização Agrícola

Neste período, realizamos formações para o uso da roçadeira mecânica. Sua utilização no contexto da produção agrícola e agroecológica busca incrementar a capacidade de produção de alimentos, além de possibilitar uma alternativa de geração de renda a partir da manutenção de áreas verdes para os jo-

Oficina de roçadeira estimulou a participação da juventude e a troca de saberes.



vens envolvidos. Na atividade, reforçamos a importância da participação da juventude para o resgate e troca de conhecimento e saberes ligados ao uso e manejo dos sistemas agroflorestais.

A atividade, que ocorreu nos Sistemas Agroflorestais do Quilombo Cafundá Astrogilda e na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina teve o objetivo de promover o intercâmbio de experiências de diferentes gerações e territórios, fortalecer a conexão e o vínculo das pessoas que atuam na agricultura

urbana, em especial durante a pandemia, promovendo uma possibilidade real de autonomia para a juventude.

Filhos, filhas e netos de agricultores lideranças da Rede Carioca de Agricultura Urbana e de núcleos familiares quilombolas apoiaram a organização e compareceram em peso num domingo chuvoso no Quilombo Cafundá Astrogilda, como que preparas-



A juventude compareceu em peso na oficina.

sem já a chegada de uma nova primavera no Sertão Carioca.

A oficina teve parceria com o CTUR, colégio técnico da UFRRJ, por meio do professor Thiago Trindade e foi facilitada por Ygor Davino, formando da UFRRJ. Estiveram presentes nas duas oficinas integrantes da Feira Agroecológica da Freguesia, da Feira da Roça de Vargem Grande, Da Horta Floresta do Jardim Sulacap, dos quintais e do Quilombo Cafundá Astrogilda e Camorim, dos Arranjos Locais de Guaratiba e Campo Grande e do Complexo do Alemão, territórios onde atuam direta ou indiretamente toda equipe técnica do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA.

Formação em Plantas Medicinais

No dia do início da primavera, realizamos o primeiro encontro da formação continuada em Plantas Medicinais no dia 22 de setembro. Em parceria com a Rede Fitovida, demos início à atividade, que vai contribuir com a sistematização e divulgação dos saberes populares enfatizando a importância ecológica dos conhecimentos tradicionais.

Na atividade, além de trocarmos memórias e histórias sobre as plantas que usamos no nosso cotidiano, também debatemos a importância em pensar outras epistemologias para efetivar a saúde integral,

reforçando que os conhecimentos das agricultoras, mestras e griôs apontam caminhos para repensar nossas práticas de atenção e cuidado coletivos.

As próximas atividades incluem a visita às comunidades agricultoras e quilombolas do Maciço da Pedra Branca e a construção coletiva de uma Cartilha de plantas medicinais e remédios caseiros, que será impresso e apoiará as atividades de formação no decurso do projeto.

Oficina de Montagem de Iscas de Abelhas Nativas

O encontro mensal do AL Guaratiba teve sua acolhida na Casa das Mulheres de Pedra - coletiva que existe há mais de 21 anos no bairro de Pedra de Guaratiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A oficina foi mediada por Christiane Rio Branco, conhecida como Chris, zootecnista de formação e mulher de Pedra. Por meio de uma apresentação teórica, aos poucos, o grupo conheceu sobre a história da Meliponicultura – como é chamada a criação de abelhas nativas sem ferrão.

Diferente das abelhas africanas, as nativas possuem ferrão atrofiado e de fácil manejo. Produzem um mel mais aquoso que dependendo da florada pode apresentar diferentes sabores e coloração. Chris ressalta: "Essas abelhas possuem hábitos de

“Essas abelhas possuem hábitos de nidificação bem diversificados podendo ocupar locais como: ocos de árvores, troncos caídos, bambus, termiteiros, frestas de paredes ou muros e, por isso, na primavera, quando as colônias tendem a se multiplicar naturalmente, é o momento oportuno para serem instaladas iscas na natureza”

– Chris

nidificação bem diversificados podendo ocupar locais como: ocos de árvores, troncos caídos, bambus, termiteiros, frestas de paredes ou muros e, por isso, na primavera, quando as colônias tendem a se multiplicar naturalmente, é o momento oportuno para serem instaladas iscas na natureza”.

Mariana Portilho, assessora técnica da AS-PTA, complementa sobre a função ecológica que esse grupo desempenha: “A cada visita para sugar o néctar as abelhas se “suja” com o pólen e o levam a outra flor. Este serviço ecossistêmico se torna essencial para a manutenção da produção de alimentos, em especial na agricultura urbana, em que as grandes cidades têm sofrido cada vez mais com a ausência desses polinizadores”.

Após formação teórica foi feita a atividade prática de elaboração de iscas. A intenção é que cada coletivo participante do Arranjo de Guaratiba passe a ter a sua própria colmeia.

O Arranjo já tem data para o próximo encontro, dia 27/10 na Horta da Brisa às 9hs com a oficina de Compostagem e banheiro seco.

O projeto Sertão Carioca fortalece os laços da agroecologia e favorece a visibilidade nos espaços

Preparação da isca:

- 1 garrafa PET,
- 1 Joelho de meia $\frac{3}{4}$ ou conduíte (algo que simbolize o canudo natural das abelhas);
- Saco preto;
- Jornal ou revista;
- Tesoura;
- durex;
- Atrativo de abelha.



Cris Riobranco,
facilitadora da
oficina.

Confeção:

1. Pegue a Garrafa pet limpa e seca e faça 2 furos na parte de baixo;
2. Enrole a garrafa com folhas de revista ou jornal para evitar a claridade e manter a temperatura;
3. Encaixe na boca da garrafa o Joelho ou conduíte;
4. Unte a garrafa por dentro com o atrativo (exemplo: própolis);
5. Envolver com plástico preto e colocar a garrafa com a boca para baixo toda vedada;
6. No Joelho ou conduíte já na garrafa, encaixar outra ponta de garrafa pet cortada (opcional).



Debate e atividade prática fizeram parte da metodologia da oficina

de reivindicação política para a agricultura urbana, incluindo o acesso à sementes e a valorização da autonomia nos processos de produção de alimentos nas cidades. A comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados está empenhada nas metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, principalmente ao tratar dos temas da Saúde e Bem Estar para todos, Cidades Sustentáveis e Conservação da Vida Terrestre.





Comissão Pedagógica inicia as atividades do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as infâncias



Neste bimestre, demos início ao Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias. As ações foram realizadas pelos educadores e educadoras quilombolas, fortalecendo a perspectiva dos conhecimentos tradicionais e a importância do protagonismo e da participação comunitária na condução do projeto. As atividades envolveram formações, oficinas, reuniões e ocorreram por plataforma online, e também nas comunidades quilombolas do Camorim, Cafundá Astrogilda e Dona Bilina.



Natureza e gente são elementos indissociáveis, ou ao menos deveriam ser! E é isso o que temos aprendido através das atividades realizadas pela comissão pedagógica do projeto. “Morar, plantar, colher, viver e brincar diante e junto do ambiente da floresta da Pedra Branca é fazer parte da história da

natureza que nos transforma e que transformamos. Rodeados pelo bioma de Mata Atlântica, temos buscado fortalecer essa perspectiva”, destacou Caroline Santana, coordenadora da Comissão Pedagógica.

Confere algumas das atividades que temos desenvolvido.

Criança e Meio Ambiente: O que são alimentos agroecológicos?

A atividade ocorreu no Quilombo Cafundá Astrogilda. O encontro foi proposto e realizado pela pedagoga e educadora quilombola Eleci Martins que iniciou a atividade com uma roda de músicas infantis. A atividade contou com a participação da meninada do Núcleo Dinda Laura. Por meio do brincar e do plantar, as crianças aprenderam um pouco mais so-



Eleci Martins, Geovana Melo, Caroline Santana e as crianças do Quilombo Cafundá Astrogilda.

“ A oficina despertou nas crianças o interesse por cuidar e plantar no território onde vivem. A troca de experiências com o cuidado da terra e o reflorestamento tem sido importante para contribuir com a manutenção e preservação da natureza. É um trabalho gratificante.”

– Eleci Martins

bre a importância dos alimentos agroecológicos e o papel da comunidade na conservação da natureza que fica no Parque Estadual da Pedra Branca.

Eleci falou mais um pouco sobre alimentos orgânicos e entre eles, a banana. Por morarem em uma região agricultável, a maioria das

crianças sabia reconhecer a bananeira. A comercialização da fruta é uma importante fonte de renda para a comunidade agricultora do Cafundá Astrogilda.

Para Eleci Martins, “A oficina despertou nas crianças o interesse por cuidar e plantar no território onde vivem. A troca de experiências com o cuidado da terra e o reflorestamento tem sido importante para contribuir com a manutenção e preservação da natureza. É um trabalho gratificante.” Ao final da atividade, vitamina de banana e outros alimentos agroecológicos foram compartilhados.

Criança, Convivência e Natureza Quilombo do Camorim

Já no Quilombo do Camorim, a atividade foi realizada por Adilson Almeida e Cátia Bastos. Participaram cerca de 15 crianças quilombolas, que foram ao local animados em aprender técnicas de sobrevivência e convívio sustentável com a natureza.



Material pedagógico utilizado na oficina

De maneira lúdica, as crianças aprenderam a utilizar utensílios que são importantes para a realização de acampamento e outras atividades de vivência na mata. Todos ficaram muito encantados com

a mesa organizada com os itens e os diferentes usos possíveis para alguns objetos que eles já conheciam.

As crianças foram organizadas em grupos e foram estimuladas a



As educadoras populares Rosilane de Almeida, Cátia Bastos e as crianças.

construir um painel deixando a marca da mão de cada um utilizando tintas naturais, como a vermelha, que é produzida com a semente do urucum. Na última atividade, Adilson ensinou as crianças a confeccionar um abrigo para acampamentos feito com madeiras e folhas de bananeiras. Antes do entardecer as crianças tiveram uma aula sobre fundamentos básicos do toque de tambor e a história do surgimento do jongo. As crianças tiveram a oportunidade de treinar alguns toques com a supervisão da mestre Thais.

Oficina de Folclore e contação de Histórias Quilombo Dona Bilina

Realizada por Carmen Paixão, educadora quilombola e membro da Associação de Remanescentes Quilombolas Dona Bilina, a oficina foi realizada na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina e contou com a presença de crianças que moram no entorno do Rio da Prata.

Temas como preservação ambiental e a importância da pro-



Brincadeiras lúdicas foram realizadas na atividade.



Carmen Paixão e as crianças do Quilombo Dona Bilina.

dução de alimentos livres de venenos foram alguns dos temas transversais que animaram o diálogo com a criançada.

Para Carmen Paixão, “Quando contamos uma história, mexemos com o imaginário de alguém e com o nosso. A história nos leva a lugares, mundos diversos de cores, formas, aromas e sabores, pode ser hoje, ontem ou amanhã. Oficina para crianças é um universo de coisas novas.”

O objetivo da realização de oficinas conjuntas com as educadoras quilombolas, visa reforçar a perspectiva do projeto de que, as comunidades quilombolas e agricultoras do maciço da Pedra branca, bem como seus conhecimentos e saberes tradicionais, nos apontam caminhos para pensar uma forma de conservar a natureza que promove benefícios não apenas naturais mas também sociais e comunitários.

Formação Educação Anti-racista com a Mona Assuama

Dando prosseguimento às discussões sobre educação anti-racista desenvolvidas no projeto, na tarde de 30/09, a equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA, participou do encontro "Caminhos originários do processo educativo - A filosofia africana enquanto práxis pedagógica".

O diálogo foi proposto pela Comissão Pedagógica do projeto e teve como tema os saberes ancestrais à prática pedagógica, visibilizando perspectivas não ocidentais a partir da filosofia africana, visando valorizar a produção de conhecimento a partir da oralidade.

O encontro foi marcado por troca de conhecimentos, afetos e memórias. A atividade foi dirigida por Mona Assuama, politicamente quilombista e professora da rede pública.

“ Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde você vem.” - Adágio Bantu



Print da sala virtual onde ocorreu a formação, ministrada por Mona Assuama



Fortalecimento e alinhamento de parcerias fortalecem as redes das agricultura urbana do Rio de Janeiro



Com o objetivo de consolidar as conexões entre os diversos grupos que atuam no âmbito da agricultura urbana e quilombola do Rio de Janeiro, nesse período fortalecemos parcerias com a Fiocruz Mata Atlântica, com a Embrapa Agrobiologia e Embrapa Solos através de atividades de pesquisa, e iniciamos o planejamento de ações conjuntas junto ao Instituto Estadual do Ambiente (INEA). As comunidades quilombolas participantes do projeto também receberam a equipe do Programa Petrobras Socioambiental, do qual o Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta participa. Desde o início das ações do projeto, as atividades têm sido realizadas de maneira coletiva e participativa e a partir da mobilização de parcerias institucionais e comunitárias dos mais diversos segmentos. Através de encontros e planejamentos em conjunto, temos buscado fortalecer a presença das lideranças agricultoras e quilombolas junto às entidades e organizações que atuam nos temas transversais que envolvem comunidades quilombolas, agroecologia, conservação ambiental e agriculturas.

Reuniões de Fortalecimento de Parcerias com Fiocruz Mata Atlântica e Embrapa Agrobiologia

Neste período foi estabelecida uma agenda de reuniões quinzenais para o fortalecimento de parcerias entre a AS-PTA, a Fiocruz Mata Atlântica, e a Embrapa Agrobiologia. Nas reuniões, são identificadas convergências em projetos que estão em curso no Maciço da Pedra Branca e entorno. Nas reuniões, encontramos sinergias em temas como tecnologia social, sementes, beneficiamento de produtos da sociobiodiversidade, comercialização e políticas públicas.

Alinhamento de parceria com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA)

Por se tratar de um projeto realizado em uma unidade de conservação e no seu entorno, o Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta recebeu anuência do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) para ser executado. Nos últimos meses, em reuniões de alinhamento com a equipe do PEPB e da Gerência de Visitação, Negócios e Sustentabilidade (GEVINS) uma parceria necessária para importantes ações do projeto tem sido construída. Dentre essas ações estão a implementação de um curso de condutores de visitantes com enfoque nas comunidades quilombolas, a partir da abordagem do ecoturismo comunitário; a regulamentação de Sistemas Agroflorestais; o cadastramento das pesquisas realizadas no âmbito do projeto; a criação de uma feira agroecológica no Pau da Fome; e a construção do Acordo comunitário para uso de recursos.



Atividade de Pesquisa junto à Embrapa Solos

Desde agosto vem ocorrendo regularmente ações de coleta de amostras de solo em SAFs e áreas de mata no Quilombo Cafundá Astrogilda. Uma das hipóteses que temos trabalhado é que as roças do quilombo, sistemas manejados de maneira tradicional, mantêm a qualidade do solo em condições semelhantes às áreas de floresta. Também pretende-se com a pesquisa evidenciar a relevância das áreas estudadas para a manutenção de serviços ecossistêmicos essenciais, como regulação hídrica e sequestro de carbono.

À frente do processo de coleta, estão os pesquisadores da Embrapa Solos Fabiano Balieiro, Alba Leonor, Enio Fraga e Guilherme Donagemma, e os estagiários do centro de pesquisa, Edmilson Karine e Amanda. Também participam Thiago Mendonça, voluntário do projeto, e Adilson Júnior, Paulinho e



Alba Leonor, da Embrapa Solos fazendo coleta de solo no SAF do Quilombo Cafundá Astrogilda.



Equipe da Embrapa Solos junto com os agricultores Paulinho e Jorge Cardia, no SAF do Quilombo Cafundá Astrogilda

Seu Jorge Cardia, três gerações quilombolas que vivem, moram e plantam na vertente sul do Parque Estadual da Pedra Branca.

A participação da comunidade nos processos de coleta e pesquisa é premissa do nosso projeto, e parte do entendimento e da importância em promover a articulação dos saberes tradicionais ao conhecimento científico. No local foram realizados testes de infiltração da água no solo (método do anel simples) e avaliação da estrutura do solo (DRES). Abertura de trincheira para classificação do solo e coleta de amostras para as análises de retenção da água no solo, granulometria, fertilidade e estoque de carbono.

Visita da equipe do Programa Petrobras Socioambiental

O encontro ocorreu numa sexta-feira, 06 de agosto, e contou com uma equipe multidisciplinar que visitou as ações de conservação, agroecologia e turismo de base comunitária que ocorrem no Quilombo Cafundá Astrogilda e no Quilombo do Camorim.

Na parte da manhã, visitamos o Quilombo Cafundá Astrogilda. Fomos conduzidos pela liderança local e agente comunitário do projeto Sandro Santos, e pelos condutores locais Val-



Sandro Santos explica as ações da Ação Griô, atividade de turismo de base comunitária que ocorre no Quilombo Cafundá Astrogilda

“Essa vertente, que articula agroecologia, turismo de base comunitária e culturas tradicionais, pode até ser vista como uma inovação para pensarmos a questão socioambiental. A possibilidade de você apresentar a realidade de um quilombo que fica em uma unidade de conservação através de um circuito cultural permite conhecer uma realidade diferente da que vemos através de outros meios de comunicação.”

– Edson Cunha

niey Mesquisa e Adilson Mesquita, que é também estagiário do Projeto. Nos apresentaram a Ação Grio, a iniciativa de educação ambiental e Turismo de Base Comunitária criada e gerida pela comunidade há sete anos, e que é apoiada pelo projeto.

À medida que percorremos a trilha, ele também narrou o processo de ocupação do território da zona oeste, destacou os conflitos socioambientais relacionados à implantação do PEPB, e enfatizou o papel da comunidade agricultora e quilombola do Cafundá Astrogilda para a conservação da floresta.

Para Edson Cunha, que atua na área de relacionamento comunitário da Gerência de Responsabilidade Social da Petrobras, “Essa vertente, que articula agroecologia, turismo de base comunitária e culturas tradicionais, pode até ser vista como uma inovação para pensarmos a questão socioambiental. A possibilidade de você apresentar a realidade de um quilombo que fica em uma unidade de conservação através de um circuito cultural permite conhecer uma realidade diferente da

que vemos através de outros meios de comunicação.”, destacou Edson.

Na parte da tarde, fomos à comunidade quilombola do Camorim onde fomos recebidos por lideranças da Associação Cultural Quilombo do Camorim (ACUQCA), Adilson e Rosilane Almeida. Adilson destacou que o processo de resistência da comunidade perpassa o fortalecimento da memória dos seus antepassados e da ancestralidade. Ele relatou que a ACUQCA tem buscado fortalecer essa perspectiva, promovendo um conjunto de ações de educação ambiental, fortalecimento cultural e combate ao racismo. Após a exposição de Adilson e Rosilane Caroline Leão, analista técnica da área de Projetos Ambientais, destacou que o Programa Petrobras Socioambiental estimula ações e temas que fortalecem a luta contra o racismo.

“Vejo que, nesse projeto, uma das potencialidades está em poder trabalhar o tema da preservação ambiental no contexto das comunidades tradicionais quilombolas, comunidades que

“ Vejo que, nesse projeto, uma das potencialidades está em poder trabalhar o tema da preservação ambiental no contexto das comunidades tradicionais quilombolas, comunidades que resistem e lutam historicamente contra o racismo. É olhando para a história dessas comunidades que poderemos avançar na discussão racial e, desse modo, contribuir com a superação da marca racista na nossa conformação social” – Caroline Leão

resistem e lutam historicamente contra o racismo. É olhando para a história dessas comunidades que poderemos avançar na discussão racial e, desse modo, contribuir com a superação da marca racista na nossa conformação social", destacou Caroline.

Ao longo do tempo de ocorrência do projeto, atividades de intercâmbios e fortalecimento de redes de diálogo e interação estão previstas. O objetivo é ampliar a capacidade de comunicação e intervenção das comunidades, promovendo pontes, conexões e interações que ultrapassem o tempo e os territórios das atividades desenvolvidas no âmbito das nossas ações, contribuindo para a construção de ações permanentes e contínuas em cada um desses locais.



Equipe técnica da Petrobras visitou as atividades apoiadas pelo Projeto Sertão Carioca.



A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional e bimestral do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é compartilhar o contexto geral do projeto, garantir o acompanhamento das ações e contribuir para a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial

Bruna Távora, Murilo Holanda, Mariana Portilho e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo

Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação

Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)



**PROJETO
SERTÃO
CARIOCA**
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem apoio institucional da Embrapa e tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia
Mesquita, Alice Franco e Rosilane
de Almeida.

**Coordenador Geral do
Programa de Agricultura
Urbana e Supervisor
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto

Ingrid Pena

Coordenadora Social

Caroline Santana

Assessoras Agrícolas

Renata Souto e Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários

Murilo Marques, Marina Pellegrini,
Geovana de Melo, Michel
Cole, Adilson Júnior, Caroline
Rodrigues e Rudson Amorim

Para saber mais:

www.aspta.org.br

<http://projetosertaocarioca.wordpress.com>

Instagram: @agroecologiaaspta

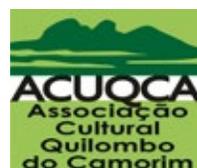
Facebook :asptaagroecologia

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO

